

Mel de uma Carcaça

(Juízes 16)

Bruce McLarty

No final do capítulo 15, provavelmente você se viu dizendo: “Vá em frente e termine a história!” É quase sempre inadmissível que o final da saga seja Sansão cego, na escuridão de uma prisão filistéia, em Gaza. De fato, Deus ainda tinha algo para Sansão. No final, o mal, a raiva e o desejo sensual não venceram! O bem triunfou! Porque Deus é um Deus de segundas oportunidades, o relato do que aconteceu a seguir nesta história dá sentido à vida de Sansão e esperança para o resto de nós.

CELEBRAÇÃO EM GAZA

Após prenderem e humilharem Sansão, os filisteus se reuniram no templo do seu deus, Dagom, para uma celebração. Interpretaram a vitória que tiveram sobre aquele longo castigo no seguinte poema:

Nosso deus nos entregou nas mãos o nosso inimigo,
e o que destruíra a nossa terra,
e o que multiplicava os nossos mortos (16:24).

Em toda aquela euforia, exaltaram o seu deus e mandaram chamar Sansão para “diverti-los”. Deve ter sido uma cena patética a visão de Sansão, antes orgulhoso e invencível, ser levado para dentro daquele templo pagão lotado com três mil homens e mulheres filistéias, todos ridicularizando o israelita cego e zombando de Deus. A caminhada da prisão até o templo barulhento e apinhado de gente provavelmente foi o pior momento da vida de Sansão, embora Deus estivesse prestes a fazer algo que Ele muitas

vezes havia feito e continuava fazendo: Ele estava prestes a tirar mel de uma carcaça!

DO COMEDOR...

Tempos atrás, a caminho de Timna para planejar seu casamento com a filistéia, Sansão foi atacado por um jovem leão. Aquilo que potencialmente seria uma tragédia transformou-se numa vitória assim que “o Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele” (14:6) e Sansão conseguiu despedaçar o leão com suas próprias mãos. Depois disso, quando voltava para a cerimônia, ele saiu da estrada para verificar os restos do animal. As Escrituras não dizem em que grau de decomposição a carcaça estava — se ela ainda estava em putrefação ou se já estava decomposta, restando apenas o esqueleto. De qualquer maneira, no lugar do leão amedrontador havia agora uma colméia de abelhas e mel em abundância! Sansão comeu um pouco do mel e levou um pouco para seus pais.

Sansão pôde desfrutar de um bocado delicioso, mas creio que algo muito mais precioso e poderosamente simbólico estava ocorrendo ali. Sansão expressou isso através do enigma que compôs a partir dessa experiência:

Do comedor saiu comida,
e do forte saiu doçura (14:14).

A idéia de “mel de uma carcaça” é a metáfora perfeita para descrever a vida inteira de Sansão! O mau cheiro da morte o acompanhou por toda a sua trágica existência, mas, aos poucos, Deus

transformou o mau cheiro em doçura. O que começou com desejo sensual egoísta terminou em sacrifício altruísta; o que começou com raiva e violência terminou dando vida. De fato, tirou-se mel de uma carcaça. Vejamos como isto aconteceu.

A CASA DERRUBADA

Quando Sansão foi levado para dentro do templo de Dagom para os milhares de filisteus zombarem dele e o ridicularizarem, ele pediu ao servo que o conduzia para colocar a mão dele em cima das colunas que sustentavam o templo. Os filisteus não sabiam que aquele homem era diferente do israelita cego e careca que trouxeram da cama de Dalila. Durante longos meses nas algemas de bronze em torno de um moinho, os cabelos de Sansão começaram a crescer novamente. Gosto de imaginar que neste momento de trevas na alma de Sansão, ele acordou para a realidade de quem era, o que Deus planejava para a vida dele, por que aquela desgraça inacreditável sobreviera a ele e como todos aqueles acontecimentos poderiam estar servindo para os propósitos de Deus. Independentemente do que Sansão estivesse pensando, ao escutar a zombaria da multidão, ele orou: “Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim, e dá-me força só esta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus, ao menos por um dos meus olhos” (16:28). A seguir, empurrando as duas colunas do meio do templo e gritando: “Morra eu com os filisteus”, derrubou o templo em cima de si mesmo e das cabeças dos líderes filisteus. Embora, hoje, há quem fique incomodado com o aparente suicídio de Sansão, creio que sua morte deva ser considerada como uma baixa no exército de Israel na guerra contra os filisteus — uma guerra em que ele lutou bravamente e morreu com honras.

Na morte, Sansão foi tratado como herói. Seus familiares foram até Gaza, reclamaram o seu corpo e o levaram para o túmulo da família entre Zorá e Estaol, onde o sepultaram no sepulcro do seu pai. Sansão passou grande parte da vida entre os filisteus, mas no final, o filho pródigo de Manoá terminou voltando para casa!

A vida de Sansão foi uma tragédia, mas sua morte “trágica” foi uma resposta às orações dos oprimidos em Israel. As Escrituras observam que quando Sansão derrubou o templo filisteu,

“foram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida” (16:30). Embora Sansão tenha vivido uma vida muito longe da santidade, por intermédio dele os propósitos divinos foram realizados. Antes de Sansão nascer, o anjo disse à sua mãe que a missão dele seria começar “a livrar a Israel do poder dos filisteus” (13:5). Quando a poeira se assentou e todos os corpos foram sepultados, ficou claro que Deus realizara na vida de Sansão o que Ele havia planejado realizar. De fato, Deus provou que Ele estava no controle mesmo em se tratando de uma vida fora do controle! Por conta disso, o sabor adocicado do mel substituiu o mau cheiro nauseante da morte.

O GRANDE QUADRO

Quando começamos a ver a maneira como Deus operou através das desgraças na vida de Sansão para fazer cumprir Seus propósitos, começamos a ver o que está acontecendo numa escala maior no Livro de Juízes como um todo. Ainda que Israel não reconhecesse que Deus era o seu Rei, Ele estava escrevendo a história daquela nação. Mesmo em meio a todo o caos produzido pelos ciclos descendentes de desobediência, Deus pôde atingir Seus alvos de libertação e redenção. Da fétida carcaça da iniquidade de Israel, Ele criou o doce mel da salvação. No grande quadro de todo o Antigo Testamento, também vemos Deus movendo a história em direção ao seu encerramento final. Da criação e queda da humanidade à eleição do povo israelita e ao estabelecimento do reino de Israel; do exílio na Babilônia à volta do cativo, para Jerusalém, Deus moveu incansavelmente a história do Seu povo escolhido em direção Àquele que é o supremo alvo de toda a história, Jesus, o Cristo! Jesus, poderíamos dizer, é a expressão máxima da capacidade e da natureza de Deus de extrair mel de uma carcaça.

O PRINCÍPIO DO MEL

O conceito de “mel de uma carcaça” é operado de muitas maneiras no mundo atual de Deus. Por exemplo, ele se aplica às tragédias que vemos em cada noticiário ou numa primeira página de jornal. A matança na Bósnia, em Ruanda ou em qualquer outra região problemática que tenha sido retratada no noticiário de ontem exala em nossas narinas o mau cheiro da

morte. Sendo o povo de Deus, nós sabemos que essas notícias são apenas uma parte do quadro. Porque alimentamos as nossas almas com histórias como a de Sansão, vivemos com a confiança de que o nosso Deus tem o poder de extrair mel dessa carcaça. O mundo pode se desesperar, mas nós já vimos Deus reverter o mal em bem, e temos certeza de que Ele fará isso outras vezes! A iniquidade ostensiva e a carnificina audaciosa que ocorrem em nossas ruas nos levam a clamar: “Até quando, ó Senhor?”; mas o grito propriamente dito expressa a confiança de que nosso Deus pode tirar mel de uma carcaça. Morte, destruição, ódio, iniquidade — esses pedaços do inferno que se alastram pelo nosso mundo — não são o final de tudo. Deus é Rei! Ele governa hoje assim como fez em Israel, e Ele ainda sabe como tirar mel de cada carcaça fétida de Sua criação.

O princípio “mel de uma carcaça” também é operado no campo da morte física. Jesus demonstrou isto em Seu ministério público no dia em que entrou na cidade de Naim (Lucas 7:11–17). Deparando-Se com a procissão de um funeral que saía da cidade enquanto Ele e Seu enorme destacamento se aproximavam, Jesus viu que estava assistindo a uma viúva enterrando o filho único. A tristeza dela e a situação de desespero comoveram Jesus profundamente. Disse Ele: “Não chores!” (Lucas 7:13) e, a seguir, ressuscitou o moço. Aquele milagre demonstrou mais do que poderes sobrenaturais; ele demonstrou a “natureza vivificadora” de Jesus. Em outro enterro, Jesus declarou desafiadoramente: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (João 11:25). Vivendo numa sociedade que é mortal apesar de negar a morte, precisamos nos lembrar e refletir na natureza do nosso Deus capaz de vencer a morte. Ficamos entristecidos com a morte, mas não “como os demais, que não têm esperança” (1 Tessalonicenses 4:13). Por qual razão? Somos filhos de Deus que tiram mel de carcaças.

Este mesmo princípio também é visto em nossas vidas espirituais. Uma vez que todos nós somos pecadores, todos carregamos memórias

dolorosas de nossos próprios pecados e culpa. Todos nós cometemos erros insensatos na vida e todos magoamos pessoas profundamente. Como resultado desses fracassos, nossa tendência é rastejarmos com os nossos pecados do passado, como se estivéssemos arrastando uma carcaça fétida. Aonde quer que vamos, o cheiro vai conosco. As pessoas que não nos conheciam “naquele tempo” e que não foram magoadas pelo nosso comportamento ainda são obrigadas a inalar o mau cheiro das carcaças que levamos conosco! Às vezes, imagino se até mesmo nas assembleias da igreja (talvez *sobretudo* quando a igreja se reúne) não somos a reunião de pessoas que arrastam as carcaças dos nossos fracassos e pecados do passado.

As boas novas para todos nós são que Deus sempre começa a nos dar vida em Cristo pela morte. Quando Paulo lembrou os cristãos de Éfeso da salvação, ele começou falando como eles estavam mortos antes de obedecerem a Cristo (Efésios 2:1–10). Deus sempre começa Sua obra com pessoas mortas. Não com pessoas doentes, moribundas, problemáticas ou deficientes, mas com pessoas mortas! Mortas, sem vida, decaídas e fétidas. Devido à Sua natureza, Ele pega o que está morto e o torna vivo! Todos os cristãos estavam “outrora mortos”! Em nenhum de nós Deus começa a operar como se fôssemos pessoas espiritualmente vivas. Isto nos deixa com uma decisão quanto ao passado: podemos deitar as carcaças que temos persistido em carregar e aceitar o doce dom da salvação que Deus nos oferece, ou podemos continuar a arrastar a podridão do nosso passado já perdoado.

Deus não nos convida para levarmos até Ele a nossa perfeição; Ele nos convida para levarmos até Ele nossas vidas quebrantadas.

Começando com carcaças espiritualmente mortas, Deus nos dá vida quando vamos com fé até Jesus Cristo (Atos 16:31), confessamos Jesus como nosso Senhor (Romanos 10:10), nos arrependemos de nossos pecados (Atos 2:38) e somos batizados em Cristo (Romanos 6:4). Paulo descreveu a natureza do “mel tirado de uma carcaça” revelado na salvação como uma ressurreição para que “andemos em novidade de vida” (Romanos 6:4).

CONCLUSÃO

Quando Paulo já era cristão há mais de vinte anos, ele escreveu sobre como Deus traz sempre doces bênçãos de fontes que julgamos improváveis:

Romanos 8:35–37

“Quem nos separará do amor de Cristo?
Será tribulação, ou angústia, ou perseguição,
ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?

Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.”

Quando Deus vê um quebrantamento, ele vê oportunidade para restauração. Como é maravilhoso o fato de que o nosso Deus continua tirando mel de carcaças! □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS